

PERDER TUDO PARA TUDO GANHAR: O RELATO DO ANIQUILAMENTO PAULINO POR CRISTO EM FILIPENSES 3,7-14

*Prof. Ms. Paulo de Tarso Veras Pereira**

Resumo

No presente artigo procuramos enxergar a transformação do apóstolo Paulo e o seu radical aniquilamento por Cristo em narração contida na Epístola aos Filipenses, notadamente, na perícopes constante em 3,7-14. Nosso intuito é perceber no exame do texto a *kénosis* paulina, o seu despojamento total por aquele a quem perseguiu. Entender como o inesperado acontecimento de Damasco marcou a reviravolta na vida do judeu de Tarso. Ao encontrar-se com Jesus de Nazaré, Paulo transmutou o seu existir. Ele cede tudo, para tudo ter. O agir renunciador do Apóstolo calca-se no exemplo despojado de Cristo. O esvaziamento de Paulo decorre do reflexo contundente da servidão de Jesus Cristo. Tudo que tinha em conta transformou-se em convicta perda. Aqui o título do Artigo é referendado, Paulo, com lucidez cristalina, optou por “perder tudo, para tudo ganhar”.

Palavras-chave

Teologia. Filipenses. Aniquilamento paulino.

Abstract

Try to see the transformation of the apostle Paul and his radical annihilation by Christ into a narrative contained in the Epistle to the Philippians, notably in the perícopes in 3,7-14. Understand in the examination of the text the *kenosis* Pauline, its total dispossession by the one whom it persecuted. Understand how the unexpected event in Damascus marked the turnaround in the life of the Tarsus Jew. Meeting Jesus of Nazareth transmuted his existence. Give it all, for everything to have. The apostle's renouncing action fits in with the stripping example of Christ. Paul's emptying stems from the blunt reflection of the servitude of Jesus Christ. Everything he had in mind turned into a convinced loss. Here the title of the article is endorsed, Paul, with crystal clear lucidity, chose to “lose everything, to win everything”.

Keywords

Theology. Philippians. Pauline annihilation.

Introdução

Perceber o apóstolo Paulo em movimento de abnegada renúncia existencial e sua auto redenção narrada na Epístola aos Filipenses, notadamente, na perícope constante em 3,7-14. Extrair dessa segmentação os motivos que impeliram o homem de Tarso a desvalorizar seus méritos hereditários pela busca do conhecimento e participação nos sofrimentos daquele a quem perseguiu, gerou a finalidade principal deste Artigo.

Um dos pilares do cristianismo, Paulo tem despertado, ao longo dos séculos, calorosas discussões a propósito do seu papel na construção daquela que viria a se tornar a religião com maior número de adeptos no mundo. Desde fiéis admiradores, passando por aqueles que o indicam como o verdadeiro fundador do cristianismo – sobrepujando o próprio Jesus Cristo -, até outros que refutam e o apontam como mero coadjuvante.

Aqui nem tanto a aqueles, nem tampouco a estes. Paulo não fundou sequer uma igreja importante no mundo judaico cristão oriental, a exemplo de Alexandria, Antioquia ou em cidades egípcias; nem mesmo Roma teve nele seu papel fundante. Do mesmo modo, não se pode atribuir a ele a formulação das doutrinas que deram alicerce a constituição do primeiro Cristianismo. Mas, inegáveis são as primorosas contribuições do evangelho paulino na expansão, divulgação e formação do pensamento sobre Jesus Cristo.

Inconteste é que o Apóstolo continua sendo motivo de constantes análises. Talvez até por ser o único autor da nascedoura cristandade que se tenta desvendar, histórica e teologicamente, a partir dos seus próprios relatos.

O conjunto da obra inserido no Cânon Sagrado traz a narrativa de uma das mais abrasadoras e polêmicas personagens. Intolerante e fascinante, radical e parcimonioso. Aqui não importa o espectro de opostos, mas sua unanimidade enquanto disseminador do evangelho.

No Novo Testamento, treze cartas formam o epistolário paulino e, dessas, sete são reconhecidas pela moderna exegese como redigidas ou ditadas por ele. Dentre essa correspondência, a carta aos Filipenses pode indicar os fundamentos motivacionais que produziram a dramática mudança de vida de Paulo pós Damasco, até sua experiência radical de aniquilamento. O que se deseja, por fim aqui, é entender essa entrega toda sorte de perseguições e flagelos, até seu grito épico ecoado ainda hoje e que o tornou, segundo Guedes (2015, p. 9): “testemunha de um modo de vida que supera o mero conhecimento conceitual, porque toca a fecundidade da vida”.

Essa personalidade em constante erupção que fascina pelo seu brilhantismo; essa evolução progressiva de vida que leva a constatação extasiada em gozo de que tudo é esterco, de que tudo perdera para tudo ganhar, encanta a quem se propõe melhor conhecer o Apóstolo.

1 Desenvolvimento

1.1 A Carta

Na epístola aos filipenses se destaca, de modo único, a imagem do caráter pessoal de Paulo, da sua franqueza reveladora, da sua alegria contagiante, da sua abertura espiritual, da sua gratidão manifesta, mas, fundamentalmente, do seu total despojamento ao seu Senhor.

A carta é breve, escrita com afeto, exala alegria e transmite a relação extremamente cordial existente com os filipenses; construída, sem dúvidas, durante o surgimento da comunidade no decurso de sua estadia na Macedônia.

Esse relacionamento de modo diferenciado e tão valorizado por Paulo pode ser destacado por indicativos constantes na própria carta:

a) tem o preâmbulo mais extenso de todas as cartas paulinas (1,3-11); a sua composição está toda dirigida para a oração, agradecimentos e louvores amorosos (1,4.7.8.9);

b) o chamado à alegria é constante ao longo do escrito, a própria palavra “alegria”, ou o sentimento decorrente, é citada por mais de dezena de vezes (1,4.18.25; 2,2.17.18.19.28.29; 3,1; 4,1.4.10); o que denota tonalidade positiva;

c) especialmente dessa comunidade o Apóstolo aceitou apoio financeiro (4,10.15.18), enquanto das demais renunciou a esse direito por questões de princípio – responsável ele mesmo por sua subsistência – ou, quiçá, por não desejar vínculos de cunho retributivo;

d) destaca, tacitamente, a comunhão com o grupo, unidos “desde o primeiro dia” no serviço participativo do Evangelho (1,5);

e) somente nessa carta, cita com relevo, núcleo distinto de pessoas detentoras de funções específicas: “episcopos e diáconos” (1,1), - aqui entendidos como anciãos tidos por administradores, no caso dos primeiros e, servidores e assistentes para os segundos -, o que não deixa de transparecer relação de mais intimidade com a comunidade.

De maneira geral, Paulo inicia suas cartas com argumentações acerca de assuntos que o preocupam e desenvolve no conteúdo as questões teológicas e

dogmáticas que versam sobre um tema de peso, por exemplos: as divisões em Corinto (1Cor); a apostasia dos gálatas (Gl), a justiça de Deus (Rm) etc. Em Filipenses ele não formula tais tópicos, não menciona polêmicas, nem trata de problemas, existe certa liberdade, seu pensamento transita com naturalidade de assunto a assunto, por isso se volta à exortação e ao encorajamento dos seus queridos seguidores. É de fato um dos mais singulares escritos de Paulo. (VOUGA, In: MARGUERAT (org.), 2009, p.297).

De antemão, de se ressaltar que não há atualmente questionamentos que se ponha em dúvida a autoria paulina de Filipenses. Contudo, existem questões que envolvem o próprio escrito e que são debatidas por teólogos e exegetas, há consideráveis décadas. Dentre as mais discutidas, estão a unidade e integridade da epístola e o local onde foi redigida. Há grupo de estudiosos¹ que defendem à tese de que Paulo escreveu mais cartas à Igreja de Filipos, podendo-se, neste caso, distinguir duas ou até três cartas, como também existe² aqueles que atribuem peso a causa de escrito único.

Verdade que, quando lida direta e atentamente, difícil não perceber uma troca de tonalidade ou corte abrupto do discurso, em alguns pontos centrais da carta, a exemplo de 3,1, e 4,10. No primeiro caso, a ruptura de estilo está mais evidenciada entre o chamado à alegria em 3,1 e a polêmica com os judaizantes que se inicia, repentinamente, com a fortíssima expressão: “cuidado com os cães”, em 3,2. A violenta denúncia dos adversários não é precedida de quaisquer preparações. Paulo vinha desenvolvendo, inegavelmente, um tom alegre desde o início (1s), até este versículo. Não via a comunidade ameaçada (1,27-30) – aqui chama a lutar pela fidelidade ao evangelho, mas contra adversários externos - e de súbito, tudo se transforma. Essa mesma comunidade, agora, precisa ser novamente “sacudida” na fé e espelhada na conduta do Apóstolo (3,17) diante de opositores internos, judeu-cristãos.

Desperta atenção, ainda, a quebra literária existente entre 3,1 e 4,4: a exortação “regozijai-vos no Senhor”, expressada antes da parte polêmica, parece conectar-se muito bem com “alegrai-vos sempre no Senhor”. É forçoso, demais, acreditar na possibilidade de Paulo ter postergado para depois de 3,1, assunto tão grave na comunidade, como a atuação de falsos missionários apregoando ensinamentos distintos dos dele. Ademais, a angústia latente, pela comunidade, expressada na tríplice advertência: “cuidado com os cães, cuidado com os maus

¹ BARBAGLIO (2009, p. 356); BECKER (2007, p. 435); HEYER (2008, p.126); MURPHY-O'CONNOR (2015, p. 223); VIELHANEUR (2015, p. 190), dentre outros.

² CASALEGNO (2001, p. 96); GUEDES (2015, p. 23); LEGASSE (1984, p. 16); SCHNELLE (2014, p. 467); WRIGHT (2009, p. 98), dentre outros.

operários, cuidado com os falsos circuncidados”³, é completamente incoerente com a tranquilidade e o advir sereno que Paulo desenha no restante da carta. Becker (2007, p. 435).

Em decorrência das observações acima, que envolvem questões de conteúdo e razões literárias, há de se considerar a possibilidade de que as controvérsias com os judaizantes, expostas na perícope de 3,2-4,1, são, na realidade, um fragmento de uma carta que não se põe harmonicamente com o texto precedente.

A outra cisão observada é a que diz respeito ao agradecimento de Paulo aos Filipenses pela doação pecuniária enviada a ele por Epafrodito em 4,10-20. O texto, a exemplo do anterior, tem o seu início de maneira repentina e sem guardar coerência lógica com os votos conclusivos em 4,8 e de paz em 4,9. O trecho é por si só demasiadamente coeso. Como dito, a carta é motivada pela ajuda financeira, de modo que confirma o recebimento e transmite o reconhecimento do Apóstolo em singela gratidão.

O que se questiona é o momento do agradecimento, já que inserido apenas no final da epístola. Também, como no primeiro caso, havia a possibilidade de Paulo ter manifestado o seu contentamento, previamente, em 2,25-30. Teria ele esperado tanto tempo e tão somente quando do retorno do seu colaborador a Filipos? A carta aponta a enfermidade e o risco de vida de Epafrodito (2,27). Pressupõe-se que seu restabelecimento tenha levado semanas ou meses. Acrescente-se, a esse tempo, o período de serviços prestados, antes da doença, pelo seu “irmão e colaborador e companheiro de lutas e vosso mensageiro, para atender às minhas necessidades” (2,25).

Forçoso presumir – apesar do frequente fluxo comunicativo entre a sua prisão e Filipos – que Paulo tivesse aguardado em demasia a retribuição calorosa pelo benefício recebido. Murphy-O’Connor (2015, p. 224) e Vielhauer (2015, p. 191) dividem o mesmo raciocínio quanto ao trecho, ambos entendem estranho o fato do agradecimento só no final da carta, bem como, inadmissível, a sua não inclusão em 2,25-30. Para o primeiro, a perícope 4,10-20 é “uma carta originalmente independente e a primeira endereçada por Paulo aos filipenses”; para o segundo, “é evidentemente a primeira demonstração de gratidão pela última doação dos filipenses”.

Se admitida essas duas grandes cisões, ter-se-iam, por conseguinte, três cartas independentes, comumente denominadas de “A”, “B” e “C”, cuja

³ As citações bíblicas neste artigo foram extraídas da Bíblia de Jerusalém, 2002, 8ª. Impressão, 2012, editada pela Paulus, SP.

autonomia dos blocos literários não guarda concordância, entre os próprios autores que respaldam este item. A divisão é por si polêmica e não se vislumbra a prazo imaginado, consenso quanto à uniformização de tais segmentos. Quer parecer que existe conformidade quanto à carta “A” (4,10-20), as demais composições enfrentam calorosos debates que perpassam, por óbvio, questões quanto à datação e localidade em que foram escritas. Aqui, defende-se a ideia de que a segmentação proposta por Barbaglio (2009, p. 358) apresenta-se como a mais coerente: “A” = (4,10-20); “B” = (1,1-31 + 4,2-7.21-23) e “C” = (3,2-4,1.8.9). Certo é que o leitor atento de Filipenses terá que optar baseado, em mérito próprio ou no dos estudiosos, por uma ou outra tese.

Outro tema que envolve estudos e discussões diz respeito a datação e lugar em que foi escrita Filipenses. Da mesma feita que o assunto anterior, dificilmente poderá se chegar a um denominador comum, ante a escassez de elementos que favoreçam o aprofundamento da matéria. Se por si já é complexo, maior a dificuldade, se aceita a hipótese de uma coleção de cartas. Portanto, para poder estabelecer a data da redação, necessário determinar o lugar nas quais foram escritas. As opções hoje admitidas apontam três localidades: Roma, Cesareia ou Éfeso.

Para os defensores da unidade de Filipenses, o discurso tradicional indica Roma como o lugar de composição. Um dos autores mais resolutamente a favor dessa opção é Schnelle (2014, p. 465-472). Alega que ela tem a favor de si a “maior probabilidade”, vez que a prisão descrita na própria cidade, em Atos 28,30: “Paulo ficou dois anos inteiros na moradia que havia alugado. Recebia todos aqueles que vinham visitá-lo.” se adequa ao contexto de cárcere brando narrado em Fl 1,13: “minhas prisões se tornaram conhecidas em Cristo por todo o Pretório”; Fl 2,25: “Entretanto julguei necessário enviar-vos Epafrodito, meu irmão e colaborador de lutas e vosso mensageiro, para atender as minhas necessidades” e Fl 4,10: “foi grande a minha alegria no Senhor, porque, finalmente, vi florescer vosso interesse por mim...”. Diz que a menção da guarda pretoriana em Fl 1,13, bem como a citação dos escravos imperiais em Fl 4,22: “Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa do Imperador.” se encaixam melhor na capital do Império e que a falta de notícias sobre a coleta indica que esta já estava concluída no momento de sua redação, o que denota uma datação tardia, favorecendo Roma. Se tivesse sido escrita de Éfeso, o silêncio de Atos sobre a demorada prisão, nessa cidade, seria inexplicável.

A alusão à “luta contra os animais” em 1Cor 15,32 não é uma prova para prisão prolongada em Éfeso, da mesma forma que 2Cor 1,8 não serve para sustentar a defesa desse local, tendo em conta que a notícia comunica

“somente o perigo de morte, mas não detalhes da situação”. Quanto à alegada distância, afirma que as conexões entre Filipos e Roma eram muito boas “pela via *Egnatia* até Dirráquio, travessia para Brundísio e continuação na Via Ápia”. O percurso de aproximadamente 1.000 km poderia ser realizado, por terra, em quatro semanas, se marítima, em duas semanas. Sustentado nessas argumentações, conclui que Filipenses foi escrita, provavelmente, em Roma nos idos de 60 d.C. Schenelle (2014, p. 472).

Contrapondo a tese de Schenelle, Vielhauer (2015, p.197) sustenta que a expressão “pretório” – espaço reservado ao pretor – recebeu dois significados distintos ao longo dos estudos, tanto podendo ser o sinônimo de “*cohortes praetorianae*”, que designaria a guarda pretoriana, quanto à sinalização da residência de um funcionário situada fora de Roma, a vila imperial ou a própria residência do governador. Nessas definições, a primeira não apontaria, necessariamente, para Roma, em virtude da existência de pretorianos em outros lugares, já a segunda, a excluiria. A outra expressão, “os da casa do imperador”, tratar-se-ia de “termo técnico para os membros da economia imperial, escravos e alforriados”.

Abre-se, assim, a possibilidade de se admitirem outras localidades a exemplo de Cesareia. A favor dessa cidade, conta-se com o relato de Atos 23,23-26,32 que trata da prisão, incontestável, de Paulo, por dois anos em Cesareia. O pretório de Fl 1,13 se coadunaria melhor com o “pretório de Herodes” em At 23,35, onde o Apóstolo permaneceu retido. No entanto, o autor admite que todos os argumentos contrários a Roma⁴ valem, igualmente, para Cesareia, o que descartaria ambas as localidades, tal entendimento é defendido, também, por outros exegetas⁵.

Restaria, assim, a hipótese clássica: Filipenses como período efésio. Boas são as razões que podem ser apresentadas em seu favor, a começar, sobretudo, pela proximidade geográfica com Filipos, o que explicaria, naturalmente, as frequentes comunicações entre o apóstolo e a sua comunidade, como mais fácil de entender a sua promessa de visita: “tenho fé no Senhor de que eu mesmo possa logo ir aí” (Fl 2,24). Outros indícios são os relatos aos coríntios em 1Cor 16,5 e 2Cor 1,15, que dão conta que foi de Éfeso que Paulo projetou suas visitas às igrejas macedônicas e coríntias, fato que se enquadraria, também, com o seu propósito de rever os queridos filipenses.

⁴ Declaração de intenção em Rm 15,14-29, segundo a qual o Apóstolo, terminada sua obra em Roma, desejaria evangelizar a Espanha; visita a Filipos anunciada em Fl 1,26 e 2,24; distâncias geográficas proibitivas para as várias viagens entre as duas cidades; desejo de envio de Timóteo e espera do seu retorno com notícias e anúncio de ida particular “em breve” (2,24) o que poderia levar meses e, se tivesse sido escrita em Roma já teria realizado outras visitas a Filipos conforme At 20, 3,6.

⁵ BARBAGLIO (2009, p. 358); CASALEGNO (2001, p. 87); HEYER (2008, p. 128); (VOUGA, In: (MARGUERAT (org), 2009, p. 310).

Ainda em duas passagens aos coríntios, 1Cor 15,31-32 e especialmente 2Cor 1,8s, a hipótese efesina é acentuada. Na primeira, relata seu drama: “diariamente estou exposto à morte, tão certo, irmãos quanto vós sóis a minha glória em Jesus Cristo. De que me teria adiantado lutar contra os animais em Éfeso, se tivesse apenas interesses humanos?” Na segunda, as tribulações padecidas na Ásia eram tão insuportáveis “a ponto de perdemos a esperança de sobreviver” e já havia pronunciado “em nós mesmos a nossa sentença de morte”. (Vielhauer 2015, p. 199).

Para concluir o tópico, de se conhecer o entendimento proposto por Barbaglio (2009, p. 358-359) acerca das coordenadas geográficas e cronológicas da hipótese de existirem três cartas em Fl. Essa tese é também a preferida do articulista. A carta “A” (4,10-20) de agradecimento foi escrita em Éfeso, no princípio da prisão paulina e imediata ao recebimento do donativo da comunidade trazido por Epafrodito. Também a “B”, ou a “carta por excelência” (1,1-3,1+4,2-7.21-23), foi redigida na prisão efesina, mas com algum intervalo de tempo acrescido. A “C”, chamada de a “carta polêmica” (3,2-4,1.8.9), foi elaborada posteriormente à libertação da prisão. Tendo estado a par do perigo pela qual passava a comunidade filipense, em função da ação dos judaizantes, preocupasse muito (2Cor 7,5) e quando do seu retorno a Corinto (At 20,2-3) escreve à Igreja de Filipos, “advertindo-a contra ‘os cães’, os ‘maus operários’ e os ‘mutilados’” (Fl 3,2). Assim, muito provavelmente, escrita no ano de 57, o que a coloca contemporânea à dos Romanos. Conforme o autor essa proposta explicaria, apropriadamente, a semelhança do cap. 3 de Fl com Rm 16,17-20 e a “mesma analogia com a polêmica antijudaizante de 2Cor 10-13, pouco anterior a Fl 3, encontraria, assim, boa explicação histórica”.

Visitadas, mesmo que brevemente, as questões em aberto acerca da Epístola – presumivelmente sem horizonte temporal para solucioná-las – de se aproximar, agora, ao texto proposto, entendido que, o Hino Cristológico semeia a perícope analisada.

1.2 O Hino Cristológico

A beleza redacional, dimensão espiritual e sua profundidade teológica fizeram do Hino Cristológico uma das mais belas páginas das Sagradas Escrituras. Não se pretende aqui adentrar nas questões de autoria, por si mesma de complexa interpretação, nem no problema da forma estrutural da composição, muito menos na significação real de algumas palavras. O objetivo é o de apenas tentar perceber movimento correlato realizado por Paulo em Filipenses 3,7s, evidentemente, guardando toda a devida proporcionalidade gestual do Apóstolo, com o ato divino-salvífico de Jesus Cristo.

Atento à sua própria caminhada, aos seus traçados objetivos e a todo apreço que nutria por sua comunidade, não difícil de aceitar que o texto do capítulo 3 de Filipenses, constitui um ‘modo de ser’ exemplar que Paulo está sugerindo para explicar como eles devem viver o convite de Deus para se edificarem na fé em Jesus Cristo. E, começa a construir todo o seu discurso valendo-se, indubitavelmente, de Filipenses 2,5-11, que guarda traços consistentes com variadas partes de Fl 3. Não importa se o Hino é de sua autoria ou não, mas, propositadamente e com maestria, inserido em posição que guarda sintonia com toda a carta.

Após o exórdio 1,1-11, o maior do epistolário paulino, o leitor depara-se com uma seção informativa acerca da situação pessoal do Apóstolo 1,12-26, seguida da grande parte exortativa da carta 1,27-2,18. E esta última é introduzida por um apelo: “somente vivei vida digna do evangelho de Cristo”; bem verdade, que a instrução poderia servir para qualquer comunidade paulina. Contudo, preferível ressaltar o carinho pastoral do apóstolo pelos seus amados filipenses. Não deixa de ser um apelo, uma nova propositura de vida: “portem-se com coerência evangélica”.

Em frente às diversidades – a igreja de Filipos atravessava ataques externos – é preciso manter-se firme, não desistir para não esmorecer na fé. Paulo desenvolve um trabalho árduo, precisa minar a empáfia dos filipenses, diminuir seu orgulho, transmitindo a eles o tema da paixão a que todos são chamados por amor a Cristo. Deseja que seus fiéis compartilhem com ele o mesmo caminho de sofrimento e renúncia. Barbaglio (2009, p. 373) recheia o raciocínio aqui desenvolvido:

A exortação, como se pode ver, nasce de uma experiência sofrida e tem o peso de um testemunho de vida. O apelo à luta vem de quem já se encontra em plena batalha. A interpretação da vida perseguida como uma graça de Deus é feita por quem é seu primeiro beneficiário. Não se pode mesmo dizer que Paulo seja um moralista de apelos baratos!

Aproximando-se do Hino, faz mais um apelo: exorta a comunidade para manter-se unida por intermédio da humildade. Adjura à consolação, ao amor, utilizando fórmula terna para que os filipenses tornem completa a sua alegria e, para tanto, a melhor maneira de agir é basear as relações da Igreja na humildade. Querendo mostrar, com isso, que não pode haver entre eles sentimentos de senhoriaidade.

O Hino é precedido por versículo (5) sujeito a definições distintas. Não se deseja nesse espaço discuti-lo, mas, assumir uma interpretação que conduza ao entendimento do que aqui se defende. Existe a possibilidade de que a expressão “tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” refira-se ao

exemplo de humildade e amor de Jesus Cristo como modelo a ser imitado, mas, também, poder-se-ia traduzir por ‘tende em vós a existência de Cristo’. Barbaglio (2009, p. 374) diz que Paulo “não pretendia lembrar a práxis de Cristo, mas o evento salvífico que ele mediou”. Estaria, dessa maneira, apelando aos filipenses que se comportassem “entre si como pessoas vitalmente unidas ao Senhor”. Aduz, ainda, com sublimidade, que “Cristo não seria, pois, critério moral de ação, mas princípio ativo da nossa vida”. E esta é a tradução que aqui se apegue. Logo, Cristo determina o agir cristão; como imagem primordial, assegura novo existir aos seus seguidores.

Portanto, essa *kénosis* de Cristo que abdica de sua glória divina, despojando-se do que era para assumir vida humana e consequente sofrimento por morte de cruz, baseado em um movimento de humildade, impulsionou o aniquilamento paulino, ou seja, Cristo foi protótipo do agir de Paulo em Fl 3,7s. Um abaixamento que pressupõe, por lógica, uma situação anterior elevada para ambos. Cristo, tendo a imagem de Deus talhada em seu ser configura-se em escravo renunciando as deferências devidas a seu estado. Paulo, tendo a herança racial israelita, benjaminita, hebreu e fariseu como características encrustadas em sua identidade, renuncia às benesses do seu estado de ser para assemelhar-se a servo desse mesmo Cristo. Ora, se Cristo, detentor da imagem perfeita, não se apodera do estatuto de igualdade com Deus por amor a Paulo, Paulo por amor a Cristo não mais se apodera do estatuto de ostentação social. O movimento é análogo se percebido quão díspares são seus autores, um, o próprio Deus, o outro, simples homem.

1.3 A perícopes

⁷Mas o que era para mim lucro tive-o como perda, por amor a Cristo. ⁸Mais ainda: tudo considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo⁹e ser achado nele, não tendo como minha justiça aquela que vem da Lei, mas aquela pela fé em Cristo, aquela que vem de Deus e se apoia na fé, ¹⁰para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, ¹¹para ver se alcanço a ressurreição de entre os mortos. ¹²Não que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito, mas prossigo para ver se o alcanço, pois que também já fui alcançado por Cristo Jesus. ¹³Irmãos, não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante,¹⁴ prossigo para o alvo, que vem de Deus em Cristo Jesus. (Fl 3,7-14).

A parte fundamental do segmento é o composto pelos vv. 7-11. Mas, o que precede, também, importante, porquanto parte contextualizadora das explicações que sucedem a parte realçada. Por isso, iniciar-se-á com pequeno recuo ao v.4.

Não se pode imaginar, de outra forma, a recorrência paulina ao seu “eu” biográfico: ele visa tão somente tornar compreensíveis os elementos constitutivos do “ser” crente, ou seja, Paulo se apresenta como modelo da condição cristã para os seus convertidos. Ao iniciar o v.4, nota-se de pronto, mudança de tratamento pessoal: o “nós” dá lugar para o “eu”⁶ como prenúncio narrativo de sua auto identidade: “[...] eu poderia, até confiar na carne”. Guedes (2015, p. 37) diz que Paulo aqui faz referência “aos sistemas de valores enquanto contrapostos aos de Deus”. Sabe-se, que Paulo apresenta distintas concepções ao empregar o termo carne, mas, nesse caso, segundo o autor, o confiar na carne “constitui o contrário da fé em Cristo”. Como se fosse espécie de egoísmo, fechamento em si, ou até mesmo, autossuficiência. O antídoto oferecido é o que se verá em 3,7-11.

Os vv. 5-6 apresentam o “eu” biográfico de Paulo. Sua identidade é composta por sete atributos que lhe proporcionariam motivos de orgulho e razões para confiar na carne. Importante enxergar que esses valores não serão usurpados, mas percebidos inúteis, quando da inversão de valores por narrar. Os atributos estão muito bem postos, logo depois de citar o primeiro: “circuncidado ao oitavo dia”⁷ – distinguem-se dois blocos, contendo cada, três atributos; no primeiro, as qualidades inatas, obtidas por herança: “da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreu” e, o segundo com as qualidades adquiridas, conquistadas por iniciativa própria: “Quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que na Lei, irrepreensível”.

É seguro que se está diante de um texto em que Paulo remete ao seu passado, mas, com propósito fixo no impacto de Jesus em sua transformação a ser explanada mais adiante. Retome-se o v.5: “circuncidado ao oitavo dia”; rito de cumprimento necessário para a sua adoção na aliança (Gn 17,12; Lv 12,3); explícito que nascera judeu, não convertido à fé judaica como prosélito. Contudo, à luz do seu novo conhecimento, passa a não admitir o sinal judaico da circuncisão como vetor à fidelidade divina, sabe, que doravante, tudo passa por Cristo. Tanto que em seus escritos autênticos, Paulo entra em confronto com aqueles que defendiam a circuncisão, em passagens de Rm 2,25-29; Gl 5,6-15; 1Cor 7,19, além, claro de Fl, 3,2-3. A luta do Apóstolo contra a imposição da circuncisão aos gentios convertidos, tornou-se uma das maiores controvérsias na igreja primitiva.

⁶ Predominante ao longo de toda a perícopes estudada, a terceira pessoa do plural só voltará no v. 15.

⁷ Ação independente de sua iniciativa, realizada por tradição religiosa por seus genitores.

“Da raça de Israel”; por nascimento e herança religiosa é membro da nação eleita, *status* diferenciado e motivo de orgulho. “Da tribo de Benjamim”; bem poderia estar ressaltando a sua vinculação a uma tribo especial, da família de Abraão, daquele que nasceu na terra da promessa, da parte mais importante. Poderia, também, estar vinculando sua pertença à tribo do primeiro rei, Saul, com o qual compartilhava o mesmo nome, tudo de sorte, a enaltecer a sua exclusiva linhagem. “Hebreu, filho de hebreu”; outra afirmação distintiva; denota uma diferença cultural, já que era possível ser israelita sem ser hebreu. “Quanto à Lei, fariseu”; aqui começa a elencar o que fizera por opção pessoal. O listado acima não dependia de sua escolha e certamente dividia com outros essas mesmas credenciais. Crisóstomo (2013, p. 461) entende que o diferencial de Paulo, o “mais” do que os outros do v.4b consistia em sua adesão aos fariseus. Os privilégios dos seus antepassados o diferenciavam sem dúvidas, mas não havia sido de sua própria escolha, o que foi de seu desejo, o que lutara para conseguir ser, fariseu e zeloso, era na verdade esse algo “mais”. O ser fariseu o destacava como cuidadoso e fervoroso cumpridor da Lei e das tradições paternas.

No versículo 6 se diz que “quanto ao zelo, perseguidor da Igreja”; acrescenta mais esta credencial para poder mostrar, que até neste quesito, era superior aos outros. Talvez uma espécie de adição ao “mais” defendido por São João Crisóstomo. O ser “irrepreensível” paulino é a soma do seu zelo vivo da Lei e pela sua postura intransigente em relação à sua crença.

Concluída a análise dos versículos introdutórios à perícopes propriamente dita, tempo de observá-la mais amiudamente.

Agora, toda a ênfase e toda a força ao “mas” introdutório do v.7, que marca a reviravolta, a transformação paulina: “Mas o que era para mim lucro tive-o como perda, por amor de Cristo”. Inicia a narrativa, sopesando sua percepção da vida passada, ou até, se pode inferir, valorizando os benefícios que advieram de sua experiência em Damasco. Seria como, se em um ato de plena determinação, tivesse recolhido todos os louros reivindicativos dos itens precedentes, ensacasse-os e, inesperadamente, desprezasse-os. É esse grande pacote que ele agora percebe vazio de vantagens. Não se trata de uma atitude simplória, ele verdadeiramente rejeita todo o seu “ativo” – valendo-se da linguagem comercial utilizada na perícopes – tudo que se dizia lucro passa a tratá-las como “passivo”, perda, de fato.

Mas, o que de fato aconteceu? Onde ocorreu a mudança? O que fez com que o ganho se tornasse perda? Guedes (2015, p.46) vai dizer que não foram nas coisas propriamente ditas, já que algumas das razões para confiar na carne

permanecem como tal, independentemente da vontade, porquanto ligadas à herança familiar. Esses dados são irrenunciáveis. O ponto da mudança estaria “na nova percepção, no modo de ajuizar valores, não é a perda da coisa em si, mas perda do seu valor”. A causa é uma só: Cristo; a motivação dada é a mesma: Cristo. Por amor de Cristo (v.7); “pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus” (v.8); por ser alcançado por Ele (v.12), tudo passa a ser determinado em Cristo. Paulo altera os benefícios que aferem lucro. Cristo é o “lucro” que supera, incalculavelmente, a perda dos valores mudanos. Ao encontrar-se com Cristo, o Apóstolo reconfigura, completamente, a sua escala de princípios valorativos.

Paulo repete no v.8, inicial do novo período compreendido pelos vv. 8-11, o pensamento do v.7, conferindo significativa amplitude, para ascender o conhecimento de Cristo ao lugar central de sua vida: “Mais ainda: tudo considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo”. Há de se notar que o “eu” continua presente implicitamente, só que, em 3,4-7 ele guardava conotação biográfica, doravante, afigura-se, razão de cunho exemplar, portanto, passível de ser imitado. “O ato passado, para Paulo, de haver medido sua vida a partir de Cristo (v.7) fundamenta o juízo presente (v.8), um juízo válido para todos os cristãos” vai dizer Becker (2007, p. 440).

A partir de agora (v.8) as características históricas e particularizadas da vida pretérita de Paulo dão lugar a uma nova existência cristã. Para Paulo, nada mais sobrepujará a “excelência do conhecimento de Cristo Jesus”; tudo que outrora havia gozado é por demais inferior a esse “conhecimento”, que se traduz aqui, não pelo mero conhecimento intelectual, mas, pela grandeza de seu significado no AT: o envolvimento pessoal profundo. Conhecimento que transforma (Paulo) na semelhança daquele que é conhecido (Cristo). Dito em outras palavras, “é um conhecimento que transforma” Guedes (2015, p.52). O Apóstolo já é sabedor do fatigante e penoso caminho que conduz à comunhão com o Cristo ressuscitado. “Perdi tudo e tudo tenho como esterco”; a ênfase dada ao “tudo”, três vezes no mesmo versículo 8: “tudo considero”; “perdi tudo” e “tudo tenho como esterco”, evidencia, realmente, a perda de toda a realidade vivida. Houve uma transmutação radical no existir paulino. Um novo Paulo emerge “por amor de Cristo”.

A herança “zelosa” de ser, não permite a Paulo meias medidas e ao usar “tudo tenho como esterco” não deixa margem a mal-entendidos, ele bem o sabia. “Esterco” (grego=*skybala*) é termo vulgar, depreciativo, que pode significar lixo ou refugo, como também, excremento. “Esterco” até transmite aos leitores hodiernos o seu significado, mas, aquém de expressar repugnância de

modo enfático. Essa é a maneira que Paulo considera a perda de tudo, outrora tido como ganho, tudo desdenhosamente refugado “para ganhar a Cristo”. Límpido para Paulo que a sua perda foi motivada por um ganho incomensuravelmente mais valioso: “o conhecimento de Cristo Jesus”; perdeu convicto do ganho; perdeu para achar: “ser achado nele”. Cristo é o cerne da vida paulina; não sem sentido: “o morrer é lucro” (Fl 1,23); Paulo lucra na perda, obtém em troca o bem supremo: a íntima e dadivosa presença do “seu” Senhor. Por entendimento, “ganhar a Cristo” é “ser achado nele”, encontrado em Cristo no último dia, o dia de Cristo, do julgamento divino.

Na continuidade do v.9: “[...] não tendo como minha justiça aquela que vem da Lei, mas aquela pela fé em Cristo, aquela que vem de Deus e se apoia na fé”; Paulo nos transmite uma novidade: a justiça agora refere-se ao novo, originária do conhecimento de Jesus Cristo. Ao qualificar o termo “justiça” na forma de “minha justiça” é possível presumir que Paulo estivesse remetendo os seus leitores para aquele conjunto de benefícios que tinha detido anteriormente em Fl 3,5-6 e que havia considerado como ganho na qualidade de filho da herança israelita. (MARGUERAT, In: DETTWILER; KAESTLI; MARGUERAT (org), 2011, p. 282-285) vai dizer que “a reviravolta teológica de Paulo é expressa em Fl 3 pela recusa de um tipo de justiça fundada na Lei e pela adoção de uma justiça mediada pela fé em Cristo”.

Os dois próximos versos da perícopes, o 10 e o 11: “[...] para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, para ver se alcanço a ressurreição de entre os mortos”, deixa, por trás do texto a razão da perda, do entendimento de ter tudo como esterco, tratada no v.8, de modo que o objetivo final fosse a obtenção da própria ressurreição. Dito melhor: “considero perda, tudo tenho por esterco [se assim for possível obter] o poder da sua ressurreição”. Guedes (2015, p. 64) proporciona interessante observação, diz que nessa oração (v.10d) se tem um hápax⁸ absoluto da teologia paulina: “conformando”, expressão que permite ao leitor “intuir que isso envolve, em um nível existencial, quem faz esta experiência”. Daqui se poderia entender que o conhecimento de Jesus significa envolvimento absoluto. É “a participação nos seus sofrimentos”; é conformar-se à morte dele; é ser “obediente até a morte, à morte de cruz (Fl 2,8). A relação com o hino cristológico não passa, evidentemente, despercebida, são textos correlatos, que serão analisados adiante.

“Conhecer o poder da sua ressurreição”; Paulo convida a vivê-la já, experimentá-la em Cristo como Espírito que dá a vida (1Cor, 15,45; 2Cor 3,17).

⁸ Palavra ou expressão de que só existe uma única citação.

Mas, é possível de fato? É inerente ao ser humano, por meio dos sentidos, da inteligência, ter presentes seus mistérios existenciais, buscar conhecer o poder da ressurreição de Cristo por intermédio do dom escatológico concedido pelo Espírito. Como bem ensina Garrigou-Lacrange (2018, p. 286) “A razão não pode dar uma prova demonstrativa desta verdade revelada, mas fornece altas razões de conveniência”. É, de se convir que Paulo bem soube fornecer essas “razões de conveniência”, ao provar a possibilidade da ressurreição dos mortos por inter-médio da ressurreição do Cristo Jesus: “Pois se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou ilusória é a vossa fé” (1Cor 16-17).

Paulo almeja participar dos sofrimentos do “seu Senhor” e, para ele, a razão do sofrimento pressupõe a comunhão com Cristo, por isso o desejo da “participação nos seus sofrimentos” (FI 3,10). Para o apóstolo a tradução desse sofrimento é a cruz de Cristo e motivo de clamor em todo o seu epistolário. Arbiol (2018, p. 53) vai dizer que: “Paulo deve ter ficado profundamente impressionado pelo descobrimento da cruz de Jesus, uma vez que fez dela o centro de sua mensagem”.

No final do período principal da perícopes tem-se: “[...] conformando-me com ele na sua morte, para ver se alcanço a ressurreição dos mortos” (3,11). Paulo quer identificar-se com o Cristo, configurar-se com o Cristo mediante seu pleno esvaziamento. Adaptar-se, em vida, aos sofrimentos que levaram Cristo a submeter-se à morte. Paulo norteará toda a sua vida como experiência decalcada do Cristo crucificado. Modelo de obediência, até a morte, a esse Cristo que “abaixou-se, tornando-se obediente até a morte” (FI 2,8). A conclusão do v.11: para ver se alcanço a ressurreição dos mortos” é, segundo, Guedes (2015, p. 68) a indicação da expectativa de futuro: “Esta tensão para o futuro, para a ressurreição dos mortos, é uma marca da teologia paulina”, espécie de reserva escatológica em função do conhecimento de Cristo.

Em direção ao final da perícopes lê-se, no v.12: “Não que eu já o tenha alcançado ou que seja perfeito, mas prossigo para ver se o alcanço, pois que também já fui alcançado por Cristo Jesus”. Paulo utiliza aqui a figura de uma corrida para ensinar a polaridade da vida cristã: aquele que crer já está ressuscitado com Cristo, mas espera a consumação de sua fé no dia final. A corrida começou, o prêmio concedido aos atletas participantes da corrida - aquilo que Deus prometeu na ressurreição futura - ainda não foi alcançado. O Apóstolo age com humildade, desprovido de arrogantes pretensões, sabe que ainda não é perfeito, que precisa muito correr, de forma obstinada e incansavelmente, já que impulsionado pela força da graça de Cristo que já o alcançou para sempre.

Apesar de ter sido encontrado (alcançado) por Ele - em sua experiência

trans-formadora - prossegue (corre) com o olhar fixo na linha de chegada para alcançar a esperança colocada diante dele, no fim de sua carreira cristã: o próprio Cristo.

Ciente dessa necessidade de prosseguir e de avançar diz: “Irmãos, não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mais uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante”, realça novamente o desejo de prosseguir: “prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus” (vv. 13-14). Paulo, ao iniciar o primeiro versículo, estaria, presumidamente, opondo-se à perfeição encimada na falsa noção dos ressuscitados com Cristo, de terem uma participação garantida na salvação, numa espécie de quietismo que levaria os cristãos a diminuir as passadas – retomando a metáfora do atleta – em busca da esperança escatológica colocada diante deles ao final da corrida. O agir paulino é inquietante, tenso, ele se faz sempre corredor, entre a linha de largada, quando foi conquistado por Cristo e a linha de chegada, em busca do propósito pleno que Cristo reservou para ele.

“Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante” (v. 13), em referência clara à sua vida pregressa; tudo que ficou “para trás”; as razões para confiar na carne (vv. 4-6), mas, também, sua própria corrida, os seus tropeços já como apóstolo de Cristo. É a tensão referida acima; é a disposição constante de sempre abdicar de tudo que o impeça de avançar para “o que está diante”, a linha de chegada; é perder para ganhar.

No último versículo da perícopes: “prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus” (v.14); a determinação do corredor em busca dos louros da corrida. Segundo Martin (2005, p. 154), Paulo, possivelmente, estaria aqui, aludindo aos jogos de Olímpia nos quais ao final de uma corrida, o juiz chamava o vencedor pelo nome e título para receber o prêmio. O juiz Soberano de fato o chamou, Deus, do alto, o chamou pelo nome, em Cristo, por si, o prêmio. Chamado de vocação que para Paulo aconteceu na pista de corrida do ginásio em Damasco, quando Cristo o alcançou em definitivo.

Ao longo de todo o Artigo, prevaleceu, como pano de fundo, a intenção de chegar, ao mais próximo possível, os textos do Hino Cristológico (FI 2,6-11) e o do capítulo 3, sob análise. Bem verdade que já se expuseram considerações sobre essa proximidade dos segmentos textuais, anteriormente, mas de maneira introdutória. O que se almeja a seguir é aprofundar um pouco mais a proposta. Para melhor visualização, de se transcreverem as duas perícopes:

6. Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus 7. mas se despojou tomando a forma d e escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem 8. abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. 9. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome 10. a fim de que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra 11. e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai.	4. Aliás, eu poderia até confiar na carne. Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: 5. circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreu; quanto à Lei, fariseu; 6. quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível. 7. Mas o que era para mim lucro tive-o como perda, por amor de Cristo. 8. Mais ainda: tudo considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo. 9. e ser achado nele, não tendo como minha justiça aquela que vem da Lei, mas aquela pela fé em Cristo, aquela que vem de Deus e se apoia na fé. 10. para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, 11. para ver se alcanço a ressurreição de entre os mortos.
--	--

Um olhar mais atento desperta a atenção quanto às várias analogias existentes, entre o Hino Cristológico – como já dito, não importa a sua autoria, mais justo aceitá-lo como pré-paulino – e o segmento textual pesquisado. As várias traduções do texto grego levam em conta, por lógico, o conhecimento vernacular do próprio tradutor, o que faz com que se tenham versões com verbos distintos para o mesmo trecho. De se reter, contudo, o significado contextual da frase ou período.

Isso posto, percebe-se a utilização de termos comuns aos dois textos: o

verbo considerar em 2,6: “não usou do seu direito (não considerou) de ser tratado como Deus”; em 3,7, 8a e 8b: “mas o que era para mim lucro tive-o (considere) como perda”; “mais, ainda: tudo considero perda” e “perdi tudo e tudo tenho (considero) como esterco”. Seguindo, em 2,7 Jesus é “(reconhecido) em seu aspecto como um homem”; Paulo em 3,9 é (achado) nele, Cristo, revestido de uma justiça que vem dele próprio. Já em 2,7 Jesus toma “a forma de escravo (servo)”; em 3,10 Paulo espera se tornar semelhante a Cristo “conformando-me com ele na sua morte”; Em 2,10-11: “a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra e toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai”, o período refere-se ao reconhecimento universal do senhorio de Jesus Cristo, portanto temática de cunho escatológico; em 3,11: “para ver se alcanço a ressurreição dos mortos”, claro que, também, de vertente escatológica.

Mas, propositamente, para o final, aquilo que se entende representar, por analogia⁹, o sentido mais próximo entres os dois textos: o despojamento de um e o esvaziamento de outro. Cristo “se despojou” (2,7); desprende-se de sua condição; rebaixou-se do seu estado; por livre opção fez-se oferta agradável a Deus; irrompeu na realidade humana, assumindo as características de servo na realidade existencial. Paulo, a partir do conhecimento de Cristo, buscou, incessantemente, o esvaziamento de si; tudo o que para ele era ganho considerou perda; perdeu tudo por Cristo; tudo o que considerava importante passou a ter como esterco para ganhar a Cristo; por livre opção configurou-se a Cristo.

Aqui se encontra o fulcro da análise, por conseguinte, necessário ressaltar seu relevo. Quer se acreditar que não foi sem propósito que Paulo incluiu o Hino Cristológico na carta aos filipenses. Não se trata aqui de reflexões exegéticas, até porque falta cabedal ao articulista na área, mas, resultado perceptivo de leitura mais acurada.

A finalidade do capítulo 3 é consequência do Hino no capítulo 2, por isso, aquele foi composto amalgamado neste, isto é, todo o agir renunciador de Paulo decorre do exemplo despojador de Cristo. O esvaziamento de Paulo abdicando dos direitos de filho de Israel é reflexo da servidão de Cristo, abdicando dos seus direitos divinos, em que pese filho de Deus. Assim, pode-se concluir: a *kénosis* de Cristo é a força propulsora do aniquilamento de Paulo.

Apesar de já se encontrar fora da perícope sublinhada, mas para evidenciar a correlação aqui defendida, oportuno observar as extraordinárias semelhanças entre 2,6-11 e 3,20-21:

⁹ Entendida como parentesco ontológico que estabelece relação de semelhança entre o ser finito da criatura e o ser pleno de Deus (HOUAISS, 2001, p. 202).

Estando na forma [ἐν μορφῇ] (2,6)	Conformando-o [σὺμμορφον] ao seu corpo (3,21)
Semelhante aos homens (2,7)	Transfigurará nossos corpos (3,21)
Abaixou-se (humilhou-se) [ἐταπεινώσεν] (2,8)	Corpo humilhado [ταπεινώσεως] (3,21)
Todo joelho se dobre (2,10)	Submeter a si todas as coisas (3,21)
O Senhor é Jesus Cristo [κύριος Ἰησοῦς Χριστός] (2,11)	O Senhor Jesus Cristo [κύριον Ἰησοῦν Χριστόν] (3,20)
Glória [δόξα] (2,11)	Glorioso [δόξης] (3,21)

Paulo usou as passagens para convidar os seus fiéis a terem “o mesmo sentimento de Cristo Jesus”, que, assumindo a vida humana abraçou o sofrimento e instruiu que é esse mesmo Cristo que rege o existir do cristão. O Apóstolo ensina que a pista que conduz à vitória é àquela em que ele correrá com esforço e sofrimento. Não se pode esmorecer, imaginando uma vitória antecipada - escatologia (já) realizada - mas, correr balizado pela cruz, na esperança de um dia – (ainda não) - alcançar a vitória e obter a ressurreição, dada por Deus, como prêmio eterno.

Conclusão

Este Artigo assumiu como objetivo identificar as razões motivacionais que determinaram a dramática renúncia existencial do Apóstolo Paulo e o seu radical aniquilamento de si mesmo.

Para tanto, a análise teve como foco a narrativa bíblica contida na perícopes em Fl 3,7-14, e, calcada nesse relato, se buscou responder o que fez Paulo perder tudo? A nova medida em Cristo se traduziu em tudo ganhar?

Na parte investigativa do trabalho foi possível enxergar que ao encontrar-se com Cristo, o Apóstolo reconfigurou, totalmente, a sua escala de conceitos valorativos. Tudo que tinha em conta transformou-se em convicta perda. Aqui, o título do trabalho é referendado, Paulo, com lucidez cristalina, optou por **“perder tudo, para tudo ganhar”**.

A passagem da Sagrada Escritura recém visitada conduz os leitores a perceber que nela se deparam com testemunho de incalculável importância, sobe evento epocal para o próprio protagonista, bem como, para a história do Cristianismo. Na realidade seu efeito descortina o novo homem que emergiu e que Paulo, conscientemente, incorporou, em razão da experiência mística do seu novo viver em Cristo, um novo nascimento, na realidade, uma páscoa existencial.

Este breve texto constituiu apenas em um pequeno contributo para melhor perceber a grandeza do despojamento paulino. Mas, ao longo de toda a sua confecção permaneceu latente o prazer indescritível de estudar Paulo.

Ousa-se afirmar que a sublimidade de Paulo está na inaudita extinção do seu eu em Cristo. Aqui se encontra, verdadeiramente, a beleza da sua vida: “pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro”. (FI 1,21).

Ao excluir aos coríntios que era “Apóstolo por vontade de Deus” (2Cor 1,1), evidenciou que a sua transformação não decorreu de pensamentos ou reflexões, mas de ato interventivo de Deus e de sua magnânima graça.

Paulo é indubitavelmente estrela de destaque na constelação cristã. Que permaneça em nossos ouvidos o som que traduz a razão do seu existir: “Ser achado nele” (FI 3,9), este é o versículo final que demonstra que a perda de tudo é necessária para ganhá-lo e ser achado Nele, o Cristo Ressurreto.

Referências Bibliográficas

ARBIOL, C. G. **Paulo na origem do cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

BARBAGLIO, G. **As cartas de Paulo II**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BAZAGLIA, P. **Bíblia de Jerusalém**. 8ª ed. São Paulo: Paulus, 2012.

BECKER, J. **Apóstolo Paulo: vida, obra e teologia**. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

CASALEGNO, A. **Paulo o evangelho do amor fiel de Deus**. Introdução às cartas e à teologia paulinas. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CRISÓSTOMO, J. **Comentários às cartas de São Paulo/3**. Homilias sobre as cartas: primeira e segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, primeira e segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus. São Paulo: Paulus, 2013 (Patrística, v. 27 / 3).

GUARRIGOU-LACRANGE, R. **O Homem e a eternidade: a vida eterna e a profundidade da alma**. Tradução: José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. Campinas, SP: Cedet, 2018.

GUEDES, José O. **A gênese do discípulo: Uma relação semântica e teológica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8**. São Paulo: Paulinas, 2015.

HEYER, C. J. Den. **Paulo, um homem de dois mundos**. São Paulo: Paulus, 2008.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARGUERAT, D. Paulo e a Lei: a reviravolta (Filipenses 3,2-4,1). In DETTWILER; KAESTLI; MARGUERAT (org). **Paulo, uma teologia em construção**. São Paulo: Loyola, 2011. (p. 267-292).

MARTIN, R. P. **Filipenses**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2005 (Série Cultura Bíblica, v. 11).

MURPHY-O'CONNOR, J. **Paulo: biografia crítica**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

SCHNELLE, U. **Paulo vida e pensamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2014.

VIELHANUER, P. **História da Literatura Cristã Primitiva. Introdução ao Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2015.

VOUGA, F. A Epístola aos Filipenses. In MARGUERAT (org). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola 2009. (p. 297-314).

WRIGHT. N.T. **Paulo**: Novas Perspectivas. São Paulo: Loyola, 2009.

**Prof. Ms. Paulo de Tarso Veras Pereira*

Pós-Graduado em Publicidade e Marketing pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ-RJ.

Pós-Graduado em Estudos Bíblicos pela Faculdade Católica de Fortaleza-CE.

Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco-PE.

E-mail: tarsoveras@yahoo.com.br.